



Unidade: Cesário Verde

Sistematização de conhecimentos | II

Ah o crepúsculo, o cair da noite, o acender das luzes nas grandes cidades

*E a mão de mistério que abafa o bulício,
E o cansaço de tudo em nós que nos corrompe
para uma sensação exata e precisa e activa da Vida!
Cada rua é um canal de uma Veneza de tédios
e que misterioso o fundo unânime das ruas,
das ruas ao cair da noite, ó Cesário Verde, ó Mestre,
Ó do «Sentimento dum Ocidental»!*

Álvaro de Campos, *Poesias*
(fragmento de «Dois excertos de Odes



Poeta português, natural de Caneças, Loures, oriundo de uma família burguesa abastada. O pai era lavrador (tinha uma quinta em Linda-a-Pastora) e comerciante (estabelecido com uma loja de ferragens na baixa lisboeta). Cesário Verde estreou-se colaborando nos jornais Diário de Notícias, Diário da Tarde, A Tribuna e Renascença. A partir de 1875 produziu alguns dos seus melhores poemas: «Num Bairro Moderno» (1877), «Em Petiz» (1878) e «O Sentimento dum Ocidental» (1880).

A falta de estímulo da crítica e um certo mal-estar relativamente ao meio literário, expressos, por exemplo, no poema «Contrariedades» (Março de 1876), fazem com que Cesário Verde deixe de publicar em jornais, surgindo apenas, em 1884, o poema «Nós». O binómio cidade-campo surge como tema principal neste longo poema narrativo autobiográfico, onde o poeta evoca a morte de uma irmã (1872) e de um irmão (1882), ambos de tuberculose, doença que viria a vitimar igualmente o poeta, apesar das várias tentativas de convalescença numa quinta no Lumiar. Só em 1887 foi organizada, postumamente, por iniciativa do seu amigo Silva Pinto, uma compilação dos seus poemas, a que deu o nome de O Livro de Cesário Verde.

Formado dentro dos moldes do **realismo e do parnasianismo literários**, **Cesário Verde afirmou-se sobretudo pela sua oposição ao lirismo tradicional**. Em poemas por vezes cínicos ou humorísticos (na linha de A Folha, de João Penha, ou de Baudelaire, de que se reconhece a influência sobretudo no tratamento da temática da cidade, do amor e da mulher) conseguiu manter-se alheio ao peso da «literatura», **procurando um tom natural que valorizasse a linguagem do concreto e do coloquial**, por vezes até com cariz técnico, marcando um desejo de autenticidade e um amor pelo real, que fez com que a sua poesia enfrentasse, por vezes, a acusação de prosaísmo. **Com uma visão extremamente plástica do mundo, deteve-se em deambulações pela cidade ou pelo campo** (seus cenários de eleição) transmitindo o que aí era oferecido aos sentidos, em cores, formas e sons, de acordo com a fórmula do próprio poeta, expressa em carta ao seu amigo Silva Pinto: «A mim o que me rodeia é o que me preocupa». Se, por um lado, exaltava os valores viris e vigorosos, saudáveis, da vida do campo e dos seus trabalhadores, sem visões bucólicas, detinha-se, por outro, na cidade, na sedução dos movimentos humanos, da sua vibração, solidarizando-se com as vítimas de injustiças sociais e integrando na sua poesia, por vezes, um desejo de evasão. Conhecido como o poeta da cidade de Lisboa, foi igualmente o **poeta da Natureza anti-literária**, numa antecipação de Fernando Pessoa/Alberto Caeiro, que considerava Cesário um dos vultos fundamentais da nossa história literária.

Através de **processos impressionistas**, de grande sugestividade (condensando e combinando, por exemplo, sensações físicas e morais num só elemento), levou a cabo uma renovação ímpar, no século XIX, da estilística poética portuguesa, abrindo caminho ao modernismo e influenciando decisivamente poetas posteriores.

Fonte bibliográfica: <http://www.astormentas.com/biografia.aspx?t=autor&id=Ces%c3%a1rio%20Verde>

Movimentos estético-literários presentes na obra de Cesário Verde

Realismo	Escola literária de finais do século XIX. Contrária às concepções românticas, defendia a observação e o retrato fiel e objectivo do real. A arte deveria ter uma função social, contribuindo assim para o progresso da humanidade.
Parnasianismo	Movimento literário (essencialmente poético) que se desenvolveu em França na primeira metade do séc. XIX. Procurava o rigor e a perfeição na forma de expressão. Valorizava as formas fixas e as rimas raras. Defendia a "arte pela arte".
Impressionismo	Movimento artístico que dominou sobretudo a pintura, a partir dos finais do século XIX. Valorizava as impressões fugidias que o real despertava no artista. As pinceladas, descuidadas e espontâneas, procuravam captar as sugestões de movimento, luz e cor.
Sensacionismo	Na literatura, consiste na valorização das sensações, que são sugeridas, nos textos, de forma expressiva. O visualismo (valorização de sensações visuais) é uma das suas vertentes. Mas são exploradas também as sensações auditivas, gustativas, olfactivas e tácteis.
Simbolismo	Movimento literário e artístico de finais do séc. XIX. É caracterizado pelas metáforas estranhas e pelo vocabulário novo harmonicamente sustentado e aberto à valorização do ritmo e da musicalidade. Explora uma visão subjectiva, simbólica e espiritual do mundo.

- **Realismo** (apresentação de situações concretas, do real objectivo; representação da sociedade – crítica de denúncia social)

- . Supremacia do mundo externo, da materialidade dos objectos; impõe o real concreto à sua poesia.
- . Predomínio do cenário urbano (o favorito dos escritores realistas e naturalistas).
- . Situa espacio-temporalmente as cenas apresentadas (ex: «Num Bairro Moderno» - «dez horas da manhã»).
- . Atenção ao pormenor, ao detalhe.
- . A selecção temática: a dureza do trabalho («Cristalizações» e «Num Bairro Moderno»); a doença e a injustiça social («Contrariedades»); a imoralidade das «impuras», a desonestidade do «ratoneiro» e a «miséria do velho professor» em «O Sentimento dum Ocidental».
- . A presença do real histórico: a referência a Camões e o contexto socio-político em «O Sentimento dum Ocidental».
- . A linguagem burguesa, popular, coloquial, rica em termos concretos.
- . Pelo facto da sua poesia ser estimulada pelo real, que inspira o poeta, que se deixa absorver pelas formas materiais e concretas.

- **Parnasianismo** (reacção anti-romântica)
 - O poeta não diz o que sente, mostra os objectos e desperta ideias – objectividade e impessoalidade
 - Rigor na forma
- **Impressionismo** (constitui uma fuga ao sentimento de decadência)

- Impressão pura
- Percepção imediata
- Cor, luminosidade e textura
- Construções impessoais
- A qualidade óptica do objecto (cor) é mais importante que o objecto
- Recurso à hipálage

Características Temáticas

- . **Oposição cidade/campo**, sendo a cidade um espaço de morte e o campo um espaço de vida – valorização do natural em detrimento do artificial. O campo é visto como um espaço de liberdade e a cidade como um espaço castrador, opressor, símbolo da morte, da humilhação, da doença. A esta oposição associam-se as oposições belo/feio, claro/escuro, força/fragilidade.
- . **Oposição passado/presente**, em que o passado é visto como um tempo de harmonia com a natureza, ao contrário de um presente contaminado pelos malefícios da cidade (ex: «Nós»).
- . A questão da **inviabilidade do Amor na cidade**.
- . A **humilhação** (sentimental, estética, social).
- . A **preocupação com as injustiças sociais**.
- . O **sentimento anti-burguês**.
- . O **perpétuo fluir do tempo**, que só trará esperança para as gerações futuras.
- . **Presença obsessiva da figura feminina**, vista:
 - **negativamente**, porque contaminada pela civilização urbana
 - **mulher opressora** – mulher nórdica, fria, símbolo da eclosão do desenvolvimento da cidade como fenómeno urbano, sinédoque da classe social opressora e, por isso, geradora de um erotismo da humilhação (ex: «Frígida», «Deslumbramentos» e «Esplêndida»), em que se reconhece a influência de Baudelaire;
 - **positivamente**, porque relacionada com o campo, com os seus valores salutares
 - **mulher anjo** – visão angelical, reflexo de uma entidade divina, símbolo de pureza campestre, com traços de uma beleza angelical, frequentemente com os cabelos loiros, dotada de uma certa fragilidade («Em Petiz», «Nós», «De Tarde» e «Setentrional») – também tem um efeito regenerador;
 - **mulher regeneradora** – mulher frágil, pura, natural, simples, representa os valores do campo na cidade, que regenera o sujeito poético e lhe estimula a imaginação (ex: as figuras femininas de a «A Débil» e «Num Bairro Moderno»);
 - **mulher oprimida** – tísica, resignada, vítima da opressão social urbana, humilhada, com a qual o sujeito poético se sente identificado ou por quem nutre compaixão (ex: «Contrariedades»);
 - **mulher como sinédoque social** – (ex: as «burguesinhas» e as varinas de «O Sentimento dum Ocidental»
- . **como objecto do estímulo erótico**
 - **mulher objecto** – vista enquanto estímulo dos sentidos carnis, sensuais, como impulso erótico (ex: actriz de «Cristalizações»).

Sistematizando:

POETIZAÇÃO DO REAL

Capta as impressões do quotidiano:

- com objectividade e pormenor
- com subjectividade, graças à imaginação transfiguradora, transpõe a realidade numa outra

BINÓMIO CIDADE/CAMPO

Poeta-pintor descreve:

- da cidade – as ruas soturnas e melancólicas, com sombras e bulício, a melancolia, a monotonia, o "desejo absurdo de sofrer"
- do campo – a vida rústica, de canseiras, a sua vitalidade e saúde

INOVAÇÃO DA ARTE POÉTICA

modelo de naturalidade e de "sereno realismo visual"

- realista, escolhe as palavras que reflectem a realidade
- a poesia está implícita, disfarçada sob a observação da realidade

QUESTÃO SOCIAL

realismo de intenção basicamente naturalista

- anatomia do homem oprimido pela cidade
- integração da realidade comezinha no mundo poético

Temáticas

SUBJECTIVIDADE DO TEMPO E A MORTE

- cidade de homens vivos, mas mórbida, doentia, febril
- presença da dor, da miséria, da decomposição
- atracção da morte
- ameaça da peste

HUMILHAÇÃO

- a humilhação sentimental – a mulher formosa, fria, distante e altiva
- a humilhação estética – a revolta pela incompreensão que os outros manifestam em relação à sua poesia
- a humilhação social – povo oprimido e abandonado

Características estilísticas

- Marcas da estrutura narrativa – espaço, tempo, acção (e nalguns casos personagens)
- Rigor formal (versos decassilábicos ou alexandrinos – 12 sílabas métricas – e quadras ou quintilhas com rima e métrica definidas) – parnasianismo
- Vocabulário preciso, concreto, prático → linguagem corrente
- Predomínio da coordenação
- Conjugação perifrástica (“la passando”; hei-de ver”)
- Modernidade da linguagem:
 - Tom coloquial
 - Adjectivação (dupla, tripla,...)
 - Anteposição do adjectivo ao substantivo (primeiro realça-se a característica e dps o objecto) - impressionismo
 - Expressividade do advérbio de modo
 - Verbos (utilização, por exemplo, do p. perfeito – característica do momento narrativo – e do p. imperfeito – característica do momento descritivo)
 - Diminutivos
- A estrutura deambulatória que configura uma poesia itinerante: a exploração do espaço é feita através de sucessivas deambulações, numa perspectiva de câmara de filmar, em que se vão fixando vários planos (ex: «Cristalizações», em que se configuram vários planos, e «O Sentimento dum Ocidental», em que há um fechamento cada vez maior dos cenários apreendidos pelo olhar). É uma espécie de olhar itinerante e fragmentário, que reflecte o passeio obsessivo pela cidade (e também no campo em alguns poemas); uma poesia transeunte, errante. Exemplos mais significativos são os poemas «Num Bairro Moderno», «O Sentimento dum Ocidental», que definem a relação do poeta com a cidade.
- O olhar selectivo: a descrição/evocação do espaço é filtrada por um juízo de valor transfigurador, profundamente sinestésico (ex: «Num Bairro Moderno»).
- O poeta é como um espelho em que vem repercutir-se a diversidade do mundo citadino.
- O contraste luz/sombra: jogo lúdico de luz em que as imagens poéticas se configuram em cintilações, descobrindo, presentificação e recriando a realidade (ex: «O Sentimento dum Ocidental»). Tanto pode ser a luz do dia como a luz artificial, como a luz metafórica que emana da visão da mulher. A incidência da luz é uma forma de valorizar os objectos, entendendo-se a luz como princípio de vida.
- Automatismo psíquico: associações desconexas de ideias, visível nas frases curtas, na sequência de orações coordenadas assindéticas, que sugerem uma acumulação, uma concatenação aleatória de ideias (ex: «Contrariedades», «O Sentimento dum Ocidental»).
- Adjectivação particularmente abundante e expressiva, com dupla e tripla adjectivação, ao serviço de um impressionismo pictórico.

Nós – elogio do campo, que é fonte de vida e de riqueza; cidade como algo de dramático, centro de desgraça, onde só há morte; triunfo da cidade sobre ele e sobre o campo: protesto, rebeldia, desprezo, manifestações do poeta

Deslumbramentos – mulher da cidade: fatal, de humilhante indiferença, sofisticada, moderna, racional, distante, fútil, fria, orgulhosa e sedutora; redução do amante à condição de servo; transposição do plano individual para o colectivo: vingança contra a ordem social personificada pelas “miladies” – denúncia social (republicanismo)

A Débil – poema de contrastes: desejo de complementaridade com a mulher; o “narrador” cede à influência corruptora da cidade mas liberta-se pela adesão fiel à mulher que passa – através dela ele tem vontade de ser útil, prestável, de tornar-se numa pessoa melhor;

Contrariedades – denúncia social: mulher pobre “abandonada” pelo médico, corrupta e bajuladora; poeta/engomadeira – realidades paralelas; a engomadeira tem um efeito benéfico nele.

Num Bairro Moderno – marcas da narrativa (espaço, tempo, acção, personagens); descontentamento evidente em relação ao emprego; desejo de uma vida descansada e tranquila; invasão da cidade pelo campo → cabaz de frutos e legumes; mulher do campo (vendedeira): desprendida, humilde, atenciosa, educada, frágil, pálida e magra; ele ganha forças através da vendedeira (representa o campo); quadro verdadeiramente impressionista: predomínio da cor e luminosidade nas descrições.

O Sentimento dum Ocidental (Avé Marias) – desejo de fuga, de evasão; denúncia social: condições de vida precárias para os trabalhadores; dependência de Portugal face à Inglaterra – despreocupação da alta sociedade; ciclo vicioso das classes mais baixas; antinomia de personagens, espaços e tempos (trabalhadores explorados e atarefados/lojistas enfadados; edificações emadeiradas/hotéis da moda; antes e depois da industrialização: glória/opressão, miséria, injustiça, dependência)

Figuras de estilo mais usadas

- Assíndeto (as ideias não são ligadas por nenhuma conjunção) – ritmo mais violento e agressivo
- Ironia
- Comparação
- Metáfora
- Sinestesia (troca de sentidos: dá sensação àquilo que não a pode ter. Ex: “brancuras quentes”; “luz macia”)
- Estrangeirismos
- Hipálage (atribuição de uma qualidade a um objecto que logicamente não lhe pertence. Ex: “E às portas, uma ou outra campainha toca, frenética, de vez em quando.”)
- Gradação
- Adjectivação
- Enumeração
- Antítese
- Transporte (continuação da ideia no verso seguinte)

Fonte: <http://www.prof2000.pt/users/jsafonso/Port/verde.htm> e outros

Links a consultar sobre Cesário Verde:

. Vida e Obra:

http://www.vidaslusofonas.pt/cesario_verde.htm

<http://www.astormentas.com/biografia.aspx?t=autor&id=Ces%c3%a1rio%20Verde>

<http://www.terravista.pt/guincho/4600>

http://www.faroldasletras.no.sapo.pt/cesario_verde.htm

. Ficha Informativa / Sistematização:

<http://www.prof2000.pt/users/jsafonso/Port/verde.htm>

<http://www.ipn.pt/opsis/litera/verde.htm>

<http://www.iep.uminho.pt/aac/lic/te/ate04/WQp/verde/index.htm>